



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

**DITOS E NÃO-DITOS': REGASTE DA HISTÓRIA DE UMA COMUNIDADE RURAL
NO INTERIOR BAIANO**

Washington Santos Nascimento
(UESB)

⁴⁴⁷

Maria Fernanda Oliveira Marques
(UESB)

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende analisar a comunidade negra da serra do Teço, localizada no município de Brejões. Existindo poucas possibilidades de fontes documentais escritas sobre a presença negra no município, a fonte oral é um elemento fundamental no resgate da história dessa comunidade que reflete a existência de uma população descendente direta do povo africano.

Para os africanos, os khiós eram os responsáveis pela memória do grupo e os ensinamentos eram passados de geração em geração através da palavra, mentir jamais foi permitido. As comunidades africanas passaram seus ensinamentos durante séculos através da oralidade e mesmo depois da colonização em que o colonizador introduziu a sua língua e a sua escrita a 'ferro e fogo', a resistência a tais elementos permaneceu como forma de preservação de sua tradição, pois, na medida em que tendo acesso a seus ensinamentos, os colonizadores poderiam fazer o que quisessem.

⁴⁴⁷ Professor do Departamento de História da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB.

A memória também era valorizada pelos gregos, por ser a principal forma de transmissão e de conservação do saber, o aedo, poeta-cantor da sociedade arcaica grega, vê a memória como algo sagrado. Mnemosyne, [memória em grego] era uma deusa tida como mãe das musas e das divindades responsáveis pela memória e inspiradoras da imaginação dos artistas e poetas.

Diversos livros clássicos como a Ilíada e a Odisséia, além de livros sagrados como os que compõem a Bíblia, em sua maioria, chegaram aos nossos dias graças à transmissão oral.

No que constitui o uso das fontes orais, deve-se destacar o trabalho de Maurice Halbwachs, sociólogo e responsável pelos primeiros estudos sobre as memórias coletivas na primeira metade do século XX. Sendo este, pioneiro nas análises sobre as diferenças entre história e memória e a ênfase no caráter social da mesma. Para ele, no ato de lembrar, nos servimos de 'campos de significados' que nos servem de pontos de referência.

Um outro estudioso a ser lembrado é Michel Pollak que, tendo como objeto de estudo a memória de grupos de sobreviventes de campos de concentração, desenvolveu reflexões importantes, sendo que uma das maiores contribuições está no estudo das memórias subterrâneas, tendo ele examinado o caso das minorias, de excluídos e marginalizados. Pollak refere-se à existência na memória de zonas de sombras, de silêncios e não ditos, que são decorrentes da angústia de não encontrar escuta, demonstrando medo dos indivíduos e dos grupos sociais, de se exporem a mal-entendidos.

Já Pierre Nora, historiador francês, fez uma análise aprofundada das diferenças entre história e memória, além da abordagem sobre os lugares de memória. Para ele, o registro histórico não é algo afetivo e sim intelectual, permitindo de tal forma o distanciamento, a crítica e a reflexão sobre as memórias. A memória, por seus laços afetivos e de pertencimento, é ligada à tradição, o que possibilita a sacralização do vivido pelo grupo social. Além disso, esse pesquisador

constata que, como as transformações no mundo moderno afastam o cotidiano, a memória passa a necessitar de lugares especiais para ser preservada. São os lugares de memória encarregados de desempenhar esse papel que é material, simbólico e funcional. Nora mostra que mesmo um elemento material como um depósito de arquivo só é um lugar de memória se a imaginação o investir de uma aura simbólica.

Essa mesma transformação do mundo moderno que exige lugares para a memória, também coloca à disposição do pesquisador novos meios de captar o real, como o gravador que reavivou o relato oral enquanto fonte.

De tal maneira diversas pessoas foram referenciais nessa pesquisa, ou melhor, foram esses lugares de memória. Nessa perspectiva, os entrevistados trazem informações sobre a comunidade que nos faz refletir sobre as possibilidades de sua origem.

Segundo os relatos, a Serra inicialmente tinha o nome de Serra do Sapê, por existir muito desta gramínea na região, além de ser aproveitado para cobertura das casas. Mais tarde, com a introdução de um cruzeiro, passou a ser conhecida como Serra do Cruzeiro, sendo hoje conhecida como Serra do Teço, devido à queda de um pequeno avião na localidade, conhecido como teco-teco.

Os entrevistados destacaram, em alguns casos, a dinâmica de povoamento da Serra. Relatando que muitos dos seus antepassados migraram da região de Currealinho, hoje Castro Alves, de Itaberaba, dentre outros mais próximos ao litoral baiano para essa região.

Dentre as mulheres entrevistadas, um fator chama atenção, as descendentes diretas, ou seja, as nascidas na comunidade falam de ter brincado durante a infância. Enquanto as que passaram a morar na região, após casamento com moradores, relatam uma infância sem tempo para a vadiagem.

Terá sido essa população e essa comunidade um mecanismo de resistência ao sistema escravista? O que justifica a presença de tais moradores que se colocam



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

como herdeiros dessa terra e de determinados elementos culturais, há mais de duas gerações? São estas perguntas, algumas dentre as muitas a serem respondidas a partir desse trabalho, com fontes orais e com a própria convivência com os moradores, no intuito de resgatar suas raízes históricas, dando visibilidade às mesmas.

REFERENCIAS

- FRY, Peter e VOGHT, Carlos. **Cafundó: A África no Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras e Editora da Unicamp, 1996.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo. Editora Vértice, 1990.
- MATTOS, Hebe Maria e RIOS, Ana Maria Lugão. **Memórias do cativo: Família, trabalho e cidadania no pós-abolição**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. 301
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo: PUC, numero 10, 1983.
- O'DWEYR, Eliane Cantarino (org). **Quilombos: Identidade étnica e territorialidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. (Comprar)
- POLLAK, Michel. "Memória, Esquecimento e Silêncio" In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, 1992
- POLLAK, Michel. "Memória e Identidade Social" In: **Estudos Históricos**. 5 (10) Rio de Janeiro, 1992